

A DINÂMICA NAVAL NO RIO URUGUAI

CARLOS FONTTES*
Historiador Militar

No dia 11 de junho de 1865, travou-se em águas do Arroio Riachuelo, afluente do Rio Paraguai, uma das maiores batalhas navais da nossa história, com vitória às nossas forças marítimas, sob o comando do Almirante Barroso (Francisco Manuel Barroso da Silva). O feito ficou conhecido como Batalha Naval do Riachuelo.

Tornou-se célebre a frase daquele comandante, que dissera: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. Numa homenagem a nossa Marinha do Brasil, tecemos aqui, aos nossos leitores, a atuação do Almirante Barroso no Rio Uruguai, em defesa da cidade gaúcha de Uruguaiana, na época um simples vilarejo.

A Guerra do Paraguai, ocorrida entre 1864 e 1870, foi um dos maiores conflitos

armados internacionais no continente americano, o qual exigiu da nação brasileira um esforço enorme para sua logística e mobilização de tropas. No decurso de sua ofensiva no sul, com a invasão de São Borja, em 10 de junho de 1865, de uma força de Francisco Solano Lopes, ao comando do Tenente-Coronel Antonio de La Cruz Estigarribia, não havia uma boa defesa fluvial; tudo teve que ser improvisado, até mesmo pelos “meios de fortuna”. Havia grande dificuldade do nosso Exército se deslocar a longas distâncias, e talvez esteja aí, um dos fatos de o General David Canabarro, como Comandante de Fronteiras e Missões, não ter feito bloqueio naval suficiente para impedir essa força inimiga de transpor nossos rios.

* Delegado da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e membro do Instituto Argentino de História Militar e da Academia Uruguaiense de Letras. Artista plástico.



Flotilha do Uruguai – óleo de Pibernat Jacques – Acervo do Museu do Rio Uruguai – Uruguaiana-RS

Em 7 de julho, a força invasora tomava a cidade de Itaqui, procedendo da mesma forma que em São Borja, com saque e destruição. Não tínhamos condições suficientes e organizadas para fazer frente à invasão, embora tenha havido, por nossas forças, guerrilhas ou pequenas escaramuças que acoassavam os flancos e a vanguarda dos paraguaios, principalmente quando estes se desgarravam de seus batalhões, em busca de gado para abastecer suas tropas.

No avanço de Estigarribia para a então Vila de Uruguaiana, suas forças permaneceram, devido às cheias do Rio Uruguai, por cinco dias nas barrancas do Rio Ibicuí, até que se construíssem “pontes de circunstâncias”. Nesse ínterim, surge a figura do futuro “Marechal de Ferro”, o Primeiro-Tenente Floriano Vieira Peixoto, que, mais tarde, foi vice-presidente e segundo Presidente do Brasil (23/11/1891 a 15/11/1894), na renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca – República Velha.

Muito embora Floriano Peixoto pertencesse à arma de Artilharia do Exército, teve destaque inigualável nos combates fluviais e na defesa do Rio Uruguai. Encontrava-se ele servindo em Uruguaiana, no 6º Batalhão de Infantaria, onde comandava a 7ª Companhia, desde dezembro de 1864, com a missão de executar fortificações na vila. Com a aproximação do inimigo, essas fortificações tornaram-se obsoletas, sendo reaproveitadas, mais tarde, pelos paraguaios quando tomaram a vila.

Por ordem de David Canabarro, o jovem Tenente Floriano Peixoto, com a Flotilha do Uruguai, como assim denominaram, passa a fazer escaramuças e inquietar Estigarribia na beira do Rio Ibicuí, conforme narra o General Tasso Fragoso:

Nesse período, muito o inquietou a presença, anunciada pelo Major Duarte, de um pequeno vapor armado em guerra, que policiava desde algum tempo as águas do rio, obstando a entrada das

canoas no *Toropasso* e as comunicações entre as duas colunas (de Estigarribia, pela fronteira do Brasil, e do Major Duarte, pela fronteira da Argentina – grifo do autor). Canabarro, no meio de seus erros, teve a feliz ideia de transformar o pequeno vapor *Uruguai*, de navegação fluvial, em aviso de guerra, e de associar-lhe dois lanchões: *São João* e *Garibaldi*. Postos sob o comando do então Primeiro-Tenente Floriano Peixoto, convenientemente artilhados, estavam sendo empregados para policiar a navegação e cortar as comunicações dos paraguaios. “O *Uruguai* estreou metendo a pique várias canoas e tomando outras nos dias 31 de julho e 1º e 2 de agosto” (na embocadura do Rio Uruguai com o Touro Passo). Aqui chamamos a atenção de nossos leitores: É bem provável que nessa parte do rio ainda exista alguma peça de valor histórico na lama. Quem sabe algum pequeno canhão da época ou outro objeto. Várias vezes comentamos o assunto com os comandantes que se sucederam no comando da Delegacia Fluvial dessa cidade para que, quem sabe, um dia ser realizada uma pesquisa arqueológica submarina no local.

Após os paraguaios invadirem a vila de Restauración (Paso de Los Libres – Argentina) sob o comando do Major Pedro Duarte, em 2 de agosto de 1865, o Tenente-Coronel Estigarribia toma a Vila de Uruguaiana, em 5 de agosto daquele ano, encontrando-a praticamente deserta.

Com as cheias do Rio Uruguai, chega a Uruguaiana, em 21 de agosto, o Capitão de Fragata Alberto José Pereira Lomba com dois vapores, o *Taquari* e o *Tramandaí*, rebocando duas chatas, que vieram se juntar à Flotilha do Tenente Floriano Peixoto e que muito contribuíram para impedir ligações, através do Rio



Tenente Floriano Vieira Peixoto – desenho do autor

Uruguai, com as duas forças opressoras. Com a derrota do Major Pedro Duarte em Restauración (17 agosto, na localidade de Yatai), o Almirante Tamandaré (Joaquim Marques Lisboa) chega àquela vila em 31 de agosto, a bordo do vapor *Iniciador*, onde conferencia com os generais aliados.

Embora tenha respondido a Conselho de Guerra na época, o Brigadeiro David Canabarro estava certo, como bom estrategista, em sua tática militar: atrair o inimigo e depois isolá-lo, cortando suas linhas de comunicações e abastecimento e dando tempo para que a Tríplice Aliança se organizasse.

Em 13 de setembro daquele ano, a bordo do vapor *Onze de Junho*, o Imperador D. Pedro II, que já se encontrava junto à tropa da Tríplice Aliança, conferencia com Mitre e Flores e, após, passam para o *Taquari*, de onde puderam apreciar os aspectos de Uruguaiana.

Às 15h30 do dia 18 de setembro de 1865, tendo como ministro da Guerra Ângelo Muniz da Silva Ferraz, o comandante paraguaio rende-se incondicionalmente, entregando ao ministro, de próprio punho, sua capitulação e suas armas,

tornando-se, assim, um prisioneiro de nossas forças. Logo a seguir é conduzido à presença do imperador. Renderam-se 5.103 homens, que desfilaram junto ao Exército Brasileiro e a chefes das nações aliadas, sem armas e honras de guerra. Os prisioneiros foram distribuídos entre os exércitos, e o Tenente-Coronel Estigarribia

foi conduzido preso para Desterro (Santa Catarina), onde mais tarde foi assassinado.

Assim foi retomada a Vila de Uruguaiana, graças ao trabalho profícuo e heroico da nossa Marinha, que muito contribuiu para o sítio terrestre aos invasores, porque o Brasil espera que cada um de nós possa cumprir com o nosso dever de cidadão.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<GUERRAS>; Guerra do Paraguai;